

O VALOR RITUAL DO CONTO — IMPORTÂNCIA SOCIAL

*Pedro Miguel Catalão **

O Conto Tradicional, pelas relações que mantém com a ideia de representação, apresenta-se como um «texto» de características particulares. Não só devido aos conteúdos que veicula, como devido à sua forma — primorosamente modelada à oralidade pelo uso de séculos — e ao seu tipo de transmissão e de recepção.

Representação no seu sentido mais puro de tornar a apresentar, de re-apresentação, neste caso de uma ficção que encerra em si a capacidade da contínua apresentação, a possibilidade infinita da representação. Representação também através do investimento que nela faz a voz, o corpo e o gesto, na excitação do auditório no sentido quase químico do termo.

Estas características de corporalidade, de que a situação oral de transmissão é expressão excelente, a repetição e a transmissão de um saber acumulado ao longo da idade das comunidades, a sua importância social, conferem ao exercício do Conto um carácter de rito, na contínua representação — e por isso mesmo actualização permanente — do saber que une os grupos.

O Conto é um exercício ritual que cimenta o sentimento de pertença, que consolida a integração numa Ordem e desvenda o Mundo.

Estará este tipo de apresentação de textos cada vez mais arredado dos nossos hábitos de receber a ficção? Que lugar tem nas sociedades tecnologicamente avançadas este tipo de transmissão dos «textos»? Parece ter um espaço cada vez mais reduzido. Contudo, numa altura

* Ex-Assistente do Curso de Literatura Portuguesa na Universidade de Macau.

em que se lê cada vez menos a letra e se «lê» cada vez mais o som e a imagem não teremos entrado numa época em que a representação e o corpo estão de novo mais presentes do que na leitura individual? Até que ponto à solidão da leitura individual se está a substituir um modo de transmissão das ficções em que de novo se expõe e se exhibe o corpo e a voz?

O PRIMORDIAL

«C'est toute oralité que nous apparaîť plus ou moins comme survivence, réémergence d'un avant, d'un commencement, d'une origine»!¹

Desde sempre que ao homem se parece ter colocado a necessidade da representação como modo de expressão e como modo útil e activo de agir sobre a vida da comunidade. Esta necessidade produziu obviamente formas diversas, das quais o Conto poderá ser um produto mais tardio mas que não perde por isso o seu valor ritual e a sua função de transmissão de um saber inicial e arquetípico. Assemelha-se, assim, e também por razões que mais tarde notarei e que se relacionam com o carácter de repetição do rito, a todo o tipo de representação primitiva ligada à religião. A religião actualiza a narrativa primordial que transmite os seus valores (e a sua história) através da encenação do gesto e da voz arquetípicos, ou, mais tarde, (até hoje) pela leitura da palavra, do livro sagrado, para um auditório.

O Conto, como a religião — que se actualiza através do rito/representação — detém um saber, um segredo e um mistério que remetem para as origens. Lembremos como o gosto pelo estudo do Conto acompanha, no século XIX, o gosto pelo estudo ou pela especulação sobre as origens, as raças, os povos, as nações. Se o exagero de muitas das aproximações que então (e até muito mais tarde) se fizeram levou frequentemente ao equívoco, não deixa de ser importante a constatação de que o Conto trabalha materiais que se enraízam fundo nos tempos.

Igualmente significativo é a semelhança, a identidade, que existe entre *corpus* de textos oriundos de zonas do globo bastante distintas. Essa semelhança (tenha ela nascido do contacto físico entre os povos quer sejam fruto de uma identidade comum ou de coincidência) atesta bem do facto do Conto lidar com materiais que pela sua essencialidade e carácter arquetipal tão insistentemente afloram nas mais variadas culturas. Materiais que os mais nostálgicos insistem em considerar como depositários de uma solução do mundo perdida no passado ou só recuperável em áureos tempos futuros.

O Conto é, tal como outras formas de representação, «necessário» e inato ao funcionamento das sociedades, como o conhecimento e a

¹ Zumthor, *Introduction à la poesie orale*, p. 126.

compreensão das sociedades ditas primitivas hoje tão bem nos elucidada. Não é sequer necessário lembrar como os povos que ainda hoje transmitem as suas ficções por via exclusivamente oral e gestual conferem tanta importância ao Conto, à representação religiosa e mágica, campos de actividade cujas fronteiras são ainda em muitos casos pouco nítidas ou inexistentes.

Se a poesia oral nasceu dos ritos arcaicos, como nos diz Zumthor², parte dessa poesia permanece rito, encenação do que de mais essencial subjaz à ficção.

Estas considerações podem, no entanto, fazer-nos cair num erro fácil. O de que o Conto (e fixemo-nos agora mais nele) pela relação íntima que mantém com o ancestral, com o primordial, se teria entretanto fixado numa existência cristalizada, de curiosidade meramente arqueológica, falha de poder actuante no tempo presente. Contudo, e precisamente por ligar com o essencial, o Conto continua a contar o Mundo, a desempenhar um papel activo no seu desvendar. Isto tanto nas sociedades mais primitivas (onde o Conto demonstrará mais vitalidade) como nas sociedades mais modernas. A sua força vem-lhe da permanência do essencial. O que nele tem variado é o que tem de variar com a passagem do tempo e dos hábitos mas a sua lógica intemporal, a sua actualidade na formação, mantém-se actuante. O Conto é uma representação que não se fixa no tempo (se bem que muitos o tentem através da escrita) mantendo uma capacidade regeneradora própria das formas vivas, físicas, capaz de adaptações e moldagens que só a oralidade e a vitalidade natural da representação conseguem produzir.

Contrariamente ao mito, o Conto não parece carregar consigo uma nostalgia por uma idade passada. O Conto é sempre actual e pela rerepresentação se regenera e actualiza. O Conto actualiza aquilo que do primordial pode ainda hoje ser actuante. Nas palavras do romancista Joseph Conrad: «The oldest voice in the world is just the one that never ceases to speak».

Este processo só é possível graças à natureza essencial dos sentido do Conto. E se os Mitos falam muitas vezes dos deuses os Contos falam muitas vezes dos homens, e estes, mudam menos que os deuses.

A REPETIÇÃO

«Pela repetição o rito coincide com o seu arquétipo e o tempo profano é abolido»³.

O Conto (como a religião) utiliza a representação como modo de projecção em um outro espaço e tempo. Sabemos como esta é uma capacidade própria à representação — noção que a própria palavra englo

² Zumthor, *op. cit.*, p. 264

³ Eliade, *Tratado de História das Religiões*, p. 57.

ba — e como é uma característica importante do Conto. E, aliás, exactamente através desta repetição que o Conto vai eliminando os seus excessos e consolidando a permanência do essencial, polindo o excesso e a lógica que lhe permite atravessar o tempo sem perder a sua capacidade de actuação, sem perder a sua utilidade.

A capacidade que o Conto tem de ser contado até ao infinito confere-lhe um valor ritual na busca constante do sentido do Mundo. A repetição da ficção cobre o Mundo de sentido. O Conto oferece a possibilidade da filiação numa Ordem, num Sentido.

Segundo Eliade, é precisamente através da repetição dos gestos primordiais que os povos se projectam no próprio tempo do arquétipo, e é através da repetição do «texto», da representação do «texto», que se aprende, se interioriza, que se ganha o sentido do Mundo. Pela repetição se cimenta o sentido, através da filiação na Ordem que a ficção insistentemente representa.

Lembremos como os ritos funcionam por repetição do gesto e do som primordiais, que transferem o homem para terrenos onde um contacto com um tempo e um espaço míticos o integram num Saber e numa Ordem. Lembremos as incontáveis situações de imitação/repetição do início do mundo; do Cosmos criado a partir do Caos; da união de pares primordiais; dos dilúvios/destruições periódicas; dos tempos de regeneração; dos ritos de passagem; das estórias das viagens e das aventuras onde se cresce aprendendo o Mundo. Lembremos como o Conto e o Mito actualizam toda esta ficção, como figuram o crescimento, como ajudam a fortalecer o orgulho da pertença ao grupo. Lembremos como a missa imita/repete a ceia, como lê em voz alta passagens do livro sagrado, como imita a Paixão de Cristo, na Páscoa, o seu nascimento e a adoração dos reis Magos no Natal, exemplos entre muitos possíveis para ilustrar como o rito funciona através da repetição (da representação) sempre renovada. O Conto tem um valor ritual análogo ao valor sagrado da cerimónia religiosa.

Convém, mais uma vez, não nos deixarmos cair no erro de atribuir à repetição uma conotação negativa de rigidez, de fixidez. Se por um lado o Conto é repetido, por outro lado é diferente cada vez que é actualizado, como sempre nova é a representação teatral, vitalidade que lhe é insuflada pela própria natureza da transmissão. Eterno jogo de repetição e variação, o Conto é sempre vivo, sempre novo e antigo, carregando a responsabilidade de um saber antigo actuante no presente, em cada nova apresentação.

Daí não se deixar fixar pela escrita e ocupar uma área marginal em relação a certas definições de literatura. O Conto é, por natureza, avesso à fixação, é mesmo uma ideia que lhe nega algumas das suas mais intrínsecas características, e daí o dizer-se que ao ser fixado perde a possibilidade de funcionar de uma forma ritual. Nascido para viver no ambiente da oralidade e da representação, esmorece quando transplantado para o solo da escrita, da incapacidade de renovação e mudança que só o gesto e a voz repetidos permitem.

Assim, pela repetição se reactualiza e se ritualiza o Mundo, representando continuamente uma ficção viva, útil e actuante.

A ORALIDADE

Diferença importante e vivamente presente entre o Conto e o mais tradicionalmente considerado como literário é o modo de transmissão/recepção deste, que ganha corpo através da voz. O Conto implica assim um actor, uma presença física na transmissão da ficção que a marca tanto quanto o seu conteúdo. Gera-se uma excitação pela presença simultânea de dois intervenientes, noção que de certo modo se aproxima do conceito de *Dialogismo* de Bakhtine. O «texto» do Conto cria um intercâmbio de vozes, uma vez que o interlocutor pede constantemente uma resposta. Tal como no teatro e em todas as formas de leitura em voz alta, o público tem capacidade de pedir algo a quem transmite, através do contacto directo que se estabelece entre os pólos da comunicação.

Falou-se de rito e de representação. A voz e o corpo são componentes essenciais do Conto e de toda a representação (mesmo que a voz muitas vezes dela esteja ausente, raramente o está o som). São a voz e o corpo que lhe dão vida como são a voz e o corpo que representam o rito nas suas mais diversas formas. Só o corpo, de que a voz é expansão, como nos diz Paul Zumthor⁴, consegue o excitar mágico de que o rito se alimenta. A repetição do gesto, a repetição do «texto» pela voz cria uma espécie de real ritual, característica que o Conto partilha pelo seu modo de transmissão oral, fundado no essencial.

A voz, eivada de corporalidade, de vibração humana, impressiona o ouvinte, torna-o participante activo, marca-o profundamente através da sua autenticidade.

Ainda hoje a religião faz da voz um instrumento essencial e inultrapassável na transmissão da sua mensagem. A recitação, a oração, o canto, são, para várias religiões, a forma perfeita do desprendimento e da elevação, modo privilegiado de comunicação e comunhão com o sobrenatural. Só através do corpo se faz a transição. Nas sociedades primitivas a voz e o gesto da religião poucas vezes se distinguem da voz e do gesto do Conto e do Mito.

A fisicidade do gesto e da voz continuam a ter o seu lugar nos momentos rituais das sociedades tecnologicamente mais avançadas como o Conto continua a dizer o Mundo com toda a propriedade.

O SOCIAL

Dimensão muito importante do Conto é a sua dimensão social. Qualquer rito é um acontecimento essencialmente social, cuja expressão óptima só é atingida através do empenhamento profundo de todos

⁴Zumthor, *op. cit.*, p. 193.

quantos nele participam. A religião contém na própria palavra a ideia de ligação, de união, de irmandade. O rito da missa é um acontecimento profundamente social, na busca da comunhão entre a congregação de fiéis e o sobrenatural, através da missa e de uma correcta utilização do templo. A religião tem sido — e ainda o é — por vezes, a razão da coesão de um grupo, inclusive da fundação de nacionalidades.

Outro tipo de textos tem cumprido o objectivo político de contribuir para a coesão dos grupos. A Epopeia é uma narrativa de exaltação das acções de uma comunidade, sendo a sua função de agregação e estímulo do sentimento de pertença a um grupo um dos seus valores mais importantes. O Teatro é uma forma de reunião social, a sua forma de transmissão só se completando através da participação colectiva. O Teatro, que constitui para Zumthor⁵ o modelo absoluto de toda a poesia oral, tem-se destacado, aliás, pela sua importância na especulação e na discussão do problema social. O Conto, para além da sua importância a nível do indivíduo tem uma importância a nível do grupo, da comunidade, que levou muitos estudiosos a nele tentar aperceber a peculiaridade nacional, a marca da raça.

A importância social do Conto advém de todas as características anteriores aludidas. A sua ligação a um saber antigo enraíza fundo, e assim mais solidamente, o saber do grupo. Enraízam-no em um tempo em que a ficção era transmitida de um modo unicamente oral e gestual, em um tempo em que toda a transmissão de saber era um acontecimento social profundamente vivido.

A ligação do Conto ao que no ritual existe de repetitivo e no que essa repetição também tem de social é também relevante — o momento da repetição do primordial que enche o gesto actual de sentido, representado pela multidão, excitado no grupo, excitado pelo fluxo emocional que toda a relação social despoleta.

Mas também importante é a dimensão social do corpo, da voz e do gesto, e o que estes contribuem para a criação do grupo, para a sua coesão, para a sua comunhão. Toda a representação estimula o social. E ao estimular o social é-lhe útil, tão útil quanto a própria transmissão do saber. Útil e eficaz pois com o passar dos anos e a erosão do superficial, e sob a forma rudimentar, esconde-se (e não se esconde muito) o essencial. Daí a predominância do substantivo e do verbo em detrimento da adjectivação, da adverbiação e da descrição. Predomina a estória, o acontecimento, no objectivo da transmissão do conhecimento e das regras do social, na transmissão da lição destinada ao indivíduo e ao grupo.

O Conto vai contando a memória do grupo, e, tal como a religião, vai contando o Mundo.

O autor colectivo do Conto é o único que tem saber para construir

⁵ Zumthor, *op. cit.*, p. 55.

narrativas intemporais plenas de eficácia na união dos grupos, estimulando o espírito gregário e ensinando as regras subjacentes ao funcionamento das comunidades. O Conto tem assim uma função importante na integração do indivíduo no grupo.

Toda esta aprendizagem se faz através da linguagem do Conto. É através dela que se cria o próprio real criando ao mesmo tempo as condições para que este real se realize através da linguagem. O Conto e a linguagem surgem como forças que mutuamente se motorizam.

Assim, a ficção surge como um meio privilegiado de dar a conhecer o Mundo. Através dela se faz uma aprendizagem daquele, ao mesmo tempo que se interioriza (o que constitui também uma aprendizagem) a mecânica de transmissão da própria ficção. O Conto ensina a contar assim como toda a representação ensina a representar.

Ao representar o Mundo a representação cria-o nomeando-o, Mundo que nasce da própria linguagem, do próprio contar. E assim se fomenta a importância social do Conto, ao criar um Mundo e uma linguagem que o representa e ao equipar o grupo com uma ficção que o diz, que o legitima, que lhe dá uma ascendência, que ensina as regras de funcionamento do grupo, que ajuda a tornar unidas as comunidades e a nelas integrar plenamente o indivíduo.

ALGUMA BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

Eliade, M., *O Mito do Eterno Retorno*, Ed. 70, Lisboa, 1969.

Tratado de História das Religiões, Cosmos, Lisboa.

Zumthor, P., *Introduction à la Poesie Orale*, Éditions du Seuil, Paris, 1983.

La Lettre et la Voix, Editions du Seuil, Paris, 1987.

